
O ROLÊ SOCIOLÓGICO E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR SOBRE A CIDADE

THE SOCIOLOGICAL RIDE AND THE INSTRUMENTALIZATION OF SCHOOL KNOWLEDGE ABOUT THE CITY

EL ROLLO SOCIOLÓGICO Y LA INSTRUMENTALIZACIÓN DE CONOCIMIENTO ESCOLAR SOBRE LA CIUDAD

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas¹

<https://orcid.org/0000-0003-4903-9929>
<http://lattes.cnpq.br/8759624289087085>

Francisco Willams Ribeiro Lopes²

<https://orcid.org/0000-0002-9979-0174>
<https://lattes.cnpq.br/20137339541755934>

RESUMO: O “Rolê Sociológico” trata-se de uma intervenção pedagógica que visa promover a reflexão científica e desnaturalizada nos estudantes da educação básica sobre os processos sociais que envolvem os espaços urbanos da cidade onde residem. A partir dessa intervenção, este artigo apresenta os recursos educacionais mobilizados durante suas ações didático-pedagógicas que visavam a instrumentalização do conhecimento sociológico. Tais recursos apresentam-se na forma de seis textos didáticos, que foram produzidos a partir do esforço de realizar a transposição didática do conhecimento científico para o conhecimento escolar. A utilização desses textos didáticos durante a realização do Rolê sociológico com estudantes do ensino médio possibilitou o que designamos como letramento sociológico, isto é, a prática de se apropriar da leitura sociológica para compreender os fenômenos sociais em sua amplitude, para além das concepções difundidas pelo senso comum.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia; Transposição didática; Cidade; Rolê sociológico; Letramento sociológico.

ABSTRACT: The “Sociological Ride” is a pedagogical intervention that aims to promote scientific and denaturalized reflection in basic education students on the social processes that involve the urban spaces of the city where they live. Based on this intervention, this article presents the educational resources mobilized during its didactic-pedagogical actions that aimed to instrumentalize sociological

¹ Mestra em Sociologia e professora temporária do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: marciagabrielles@gmail.com.

² Doutor em Sociologia e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. E-mail: lopes.willams@ufc.br.

knowledge. These resources are presented in the form of six didactic texts, which were produced from the effort to carry out the didactic transposition of scientific knowledge into school knowledge. The use of these didactic texts during the sociological ride with high school students enabled what we call sociological literacy, that is, the practice of appropriating sociological reading to understand social phenomena in their breadth, beyond the conceptions disseminated by common sense.

Keywords: Teaching Sociology; Didactic transposition; City. Sociological role; Sociological literacy.

RESUMEN: El “Rollo Sociológico” es una intervención pedagógica que tiene como objetivo promover la reflexión científica y desnaturalizada en estudiantes de educación básica sobre los procesos sociales que involucran los espacios urbanos de la ciudad donde viven. A partir de esta intervención, este artículo presenta los recursos educativos movilizados durante sus acciones didáctico-pedagógicas que tuvieron como objetivo instrumentalizar el conocimiento sociológico. Estos recursos se presentan en forma de seis textos didácticos, que surgieron a partir del esfuerzo por realizar la transposición didáctica del conocimiento científico al conocimiento escolar. El uso de estos textos didácticos durante el Rolê sociológico con estudiantes de secundaria posibilitó lo que llamamos alfabetización sociológica, es decir, la práctica de apropiarse de la lectura sociológica para comprender los fenómenos sociales en su amplitud, más allá de las concepciones difundidas por el sentido común.

PALABRAS-CLAVE: Enseñanza de Sociología; Transposición didáctica; Ciudad; Papel sociológico; Alfabetización sociológica.

INTRODUÇÃO

O “Rolê sociológico” trata-se de uma intervenção pedagógica que visa promover a reflexão científica e desnaturalizada nos estudantes da educação básica sobre os processos sociais que envolvem os espaços urbanos da cidade onde residem. A intervenção trata de uma proposta transgressora por compreender que o modo sociológico de pensar pode ser desenvolvido para além dos muros da escola, tendo a cidade e as suas interações e relações sociais como pano de fundo. Assim, os estudantes podem identificar uma diversidade de relações ligadas a conflitos, sociabilidades, formas de lazer, práticas políticas, culturais e de trabalho, relacionando-as com as discussões teóricas e compreendendo o mundo social em que estão inseridos.

Esta intervenção foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), que tem como um dos objetivos produzir recursos educacionais para subsidiar a prática docente. Esses recursos têm sua concepção e formato definidos nas

modalidades de trabalho de conclusão de curso, que apresentam a intervenção pedagógica como a:

elaboração de um conjunto sequencial de atividades para aulas de sociologia ou de um conjunto de ações a serem realizadas no âmbito da escola e entorno, com vistas a aplicar uma perspectiva sociológica que promova a sensibilização de gestores, qualifique a prática docente e/ou aumente a inserção da escola na comunidade, a partir de temas e problemas diretamente vinculados ao contexto da sociologia como disciplina escolar.³

Com base nesta definição de intervenção pedagógica, a experiência de articulação entre pesquisa acadêmica e prática pedagógica que subsidiou a elaboração do Rolê Sociológico teve sua origem em uma escola pública da cidade de Canindé, situada no sertão central do estado do Ceará. Canindé está localizada a cerca de 110 km da capital Fortaleza e é reconhecida internacionalmente como destino do turismo religioso, devido aos eventos culturais e religiosos ligados a São Francisco das Chagas: a Romaria de Canindé e a Festa de São Francisco. Estima-se que a cidade recebe anualmente cerca de três milhões de devotos (TURISMO, 2022). Apesar de a religião ser um fenômeno marcante da cidade, o Rolê foi desenvolvido buscando trabalhar temáticas que considerasse todo o contexto social da cidade. Assim, foram realizadas discussões sobre lazer, cultura, política e trabalho em espaços da cidade. Isto posto, a intervenção possibilita a compreensão da cidade como um ambiente pedagógico, como um lugar que ensina. O processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na intervenção mostra que a cidade é uma sala de aula, sendo possível aprender Sociologia nela e sobre ela. Essa percepção permite que o estudante aprenda Sociologia se vendo como parte da cidade, identificando suas problemáticas e as relações sociais nela estabelecidas, compreendendo não somente o fenômeno urbano, como também suas trajetórias individuais, vendo o social a partir da imaginação sociológica (MILLS, 1959).

O processo de elaboração, execução e validação do Rolê Sociológico na cidade de Canindé encontra-se relatado e problematizado em Freitas (2023) e Freitas e Lopes (2024). Apesar do seu lócus de elaboração, essa intervenção pedagógica foi desenvolvida como um recurso educacional possível de ser aplicado em outras cidades, inclusive em escalas menores, como bairros, zonas, distritos e comunidades.

O Rolê sociológico é formado por uma sequência didática que, de modo geral, é realizada em três etapas: a) sondagem da percepção e dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a cidade onde residem e o conteúdo da intervenção; b) ações

³ Informação disponível no Manual de Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio): <https://profsocio.ufc.br/wp-content/uploads/2021/10/manual-tcc-profsocio.pdf>

didático-pedagógicas realizadas tanto em sala de aula como nos espaços urbanos e equipamentos públicos da cidade, com o objetivo de instrumentalizar os estudantes com o conhecimento sociológico e, por último, c) avaliação da intervenção por meio de instrumentos de coleta de dados que visam analisar o aprendizado e a nova postura prática desenvolvida nos estudantes.

A primeira e a últimas etapas são imprescindíveis para a realização da intervenção, pois se constituem como os momentos de sensibilização, escuta e mobilização dos estudantes da educação básica. Contudo, a segunda etapa representa o cerne do Rolê sociológico, pois, além de ocupar a maior parte do tempo de sua realização, é aqui onde são desenvolvidas as estratégias didáticas e pedagógicas de aprendizado do conhecimento sociológico sobre a cidade onde os estudantes residem.

Diante disso, este artigo apresenta os recursos educacionais mobilizados por Freitas (2023) na segunda etapa do Rolê sociológico, isto é, nas ações didático-pedagógicas de instrumentalização do conhecimento sociológico. Tais recursos apresentam-se na forma de textos didáticos, elaborados ou selecionados pelos autores do presente artigo, que foram utilizados nas experiências iniciais e posteriores de realização do Rolê sociológico.

Os textos didáticos apresentam uma narrativa que articula os saberes científicos e os saberes pedagógicos com o objetivo de aproximar os estudantes daquilo que é considerado sua realidade cotidiana. Foram produzidos a partir do esforço de realizar a transposição didática do conhecimento científico para o conhecimento escolar (Chevallard, 2005), ou seja, de uma linguagem especializada para uma linguagem adequada ao ambiente escolar.

A escolha de apresentá-los neste artigo se deve ao fato dos textos didáticos se constituírem em ferramentas que colaboram com o trabalho do(a) professor(a), são acessíveis aos estudantes da educação básica, possibilitam discussões sobre a cidade nas aulas realizadas na escola ou fora da escola, e não se limitam ao contexto local, possuem uma abrangência que pode contemplar outras localidades.

Assim, o artigo ora apresentado subdivide-se nesta introdução; na discussão sobre o processo de instrumentalização do conhecimento; na apresentação dos recursos educacionais mobilizados no Rolê sociológico na forma de textos didáticos e seus desdobramentos na realização prática, e finaliza com considerações finais sobre as contribuições dessa intervenção para o ensino da Sociologia na educação básica.

INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOCIOLÓGICO NO AMBIENTE ESCOLAR

A prática docente na educação básica é marcada pela necessidade de transposição dos conhecimentos específicos, apreendidos nos cursos de licenciatura no ensino superior, para um novo contexto educacional que requer didática, metodologias e ferramentas diferentes. No caso da Sociologia, com seu duplo papel, como ciência e disciplina escolar, o documento Orientações Curriculares para o Ensino Médio aponta a necessidade de *tradução* do conhecimento sociológico, entendida como a “adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens” (BRASIL, 2006, p. 107).

Para tanto, é recomendado o trabalho com conceitos, teorias e temas, ou seja, três tipos de recorte que se complementam e possibilitam a mediação do conhecimento das Ciências Sociais. Esses recortes atendem a dimensões consideradas necessárias no ensino da Sociologia: “uma explicativa ou compreensiva – teorias; uma linguística ou discursiva – conceitos; e uma empírica ou concreta – temas.” (BRASIL, 2006, p. 117)

Assim, a transposição da Sociologia como ciência de referência para disciplina escolar ocorre por meio de condicionantes específicos que moldam a ciência na medida em que agrega aos saberes científicos os saberes pedagógicos, ou seja, os modos de ensinar (Chervel, 1990 *apud* Silva, 2007).

De acordo com Barreira (2014), o ensino de conceitos sociológicos para iniciantes (sejam estudantes do ensino médio ou ingressantes no ensino superior) possibilita a ruptura com as formas previamente construídas de interpretação dos fenômenos sociais, muitas vezes, baseadas em estereótipos, preconceitos e noções naturalizadas da vida social. Mesmo que a complexidade de ensinar a partir de conceitos seja vista como introdução de pensamentos “abstratos”, a autora sugere a articulação com temáticas de maior interesse dos alunos.

Tal pensamento coaduna com o trabalho de Silva (2009), ao afirmar que as metodologias de ensino da Sociologia devem considerar o saber acumulado das Ciências Sociais, ou seja, o volume de pesquisas e teorias, mas também levar em conta as necessidades contemporâneas das juventudes, da escola e do ensino médio. Assim, “[d]o saber acumulado, definimos princípios lógicos do raciocínio e da imaginação sociológica. Das necessidades contemporâneas, definimos modos de ensinar, técnicas de criação de vínculos da sociologia com os alunos”. (Silva, 2009, p.19-20)

São essas articulações entre conceitos e temáticas, entre saber acumulado e necessidades contemporâneas das juventudes, que promovem o “modo sociológico de pensar”, definido por Barreira (2014, p.66) como “[...] a tarefa de instrumentalizar os alunos com categorias analíticas e maneiras de observar o que é designado como ‘realidade social’, de modo diferente daquele utilizado costumeiramente para explicar o mundo e nele se situar”. Ou seja, é na tarefa de instrumentalizar o conhecimento sociológico que são colocadas em prática as estratégias e os recursos didáticos para atingir os objetivos de aprendizagem.

Ao desenvolver uma didática baseada na Pedagógica Histórico-Crítica, Gasparin (2020) definiu como “instrumentalização” a etapa em que ocorre o processo de encontro (e, também, de confronto) entre os sujeitos da aprendizagem (estudantes) e o objeto sistematizado do conhecimento (os conteúdos). Na etapa da instrumentalização se desenvolvem ações didático-pedagógicas para a aprendizagem, pois é o momento em que o conteúdo sistematizado é colocado à disposição dos(as) educandos, de modo que seja assimilado, recriado, incorporado e transformado por eles e elas em instrumento de construção pessoal e profissional (Gasparin, 2020).

O Rolê sociológico, enquanto intervenção pedagógica, se baseou na didática para a Pedagogia Histórico-Crítica de Gasparin (2020) e desenvolveu um conjunto sequencial de atividades para instrumentalizar os estudantes com o conhecimento sociológico da cidade onde residem. Parte destas ações didático-pedagógicas serão apresentadas a seguir.

RECURSOS EDUCACIONAIS PARA O ROLÊ SOCIOLÓGICO

Dentre os recursos educacionais mobilizados na intervenção pedagógica do Rolê sociológico, os textos didáticos constituíram-se como ferramentas relevantes de instrumentalização do conhecimento da Sociologia. Os textos foram produzidos com o objetivo de aproximar os estudantes do conhecimento científico por meio da “tradução” de uma linguagem especializada para uma linguagem adequada ao ambiente escolar.

Adiante, apresentamos o conjunto de seis textos didáticos intitulados: a) O que é cidade?; b) A cidade e a Sociologia: o olhar de Georg Simmel (1858-1918); c) A cidade e a Sociologia: o olhar de José Guilherme Cantor Magnani (1944-); d) Pensando as praças do ponto de vista sociológico; e) Quem tem direito à cidade?; f) O lazer na cidade; e, em seguida, discorreremos sobre as ações didático-pedagógicas complementares que possibilitaram o uso mais dinâmico destas ferramentas textuais.

Texto 1 - O que é cidade?

As cidades nascem de transformações nas estruturas sociais, econômicas e políticas das sociedades. A industrialização, a urbanização e o advento da Revolução Francesa são fenômenos que contribuíram para transformações que deram início a novos modos de vida e conflitos, tendo a cidade como palco. As cidades industriais do século XIX eram cheias de pessoas que se relacionavam considerando a dinâmica dos centros urbanos, sobretudo em relação ao trabalho. Já a cidade contemporânea – enquanto metrópole – é um fenômeno novo.

Louis Wirth (1897-1952), sociólogo americano e importante pesquisador, define a cidade como “[...] um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.” (WIRTH, 1978, p. 7) Assim, a cidade não se trata apenas de um conjunto de prédios, casas e lugares, mas também abriga um modo de vida marcado por relações impessoais e forte divisão do trabalho. A cidade é palco de interações e conflitos diversos relacionados ao trabalho, à religião, política, economia e cultura.

O surgimento das cidades se deu de forma concomitante ao desenvolvimento da Sociologia enquanto ciência. Assim, temos uma área específica da Sociologia que se propõe à compreensão das dinâmicas e relações sociais estabelecidas na cidade, entendendo-a como resultado dessas relações sociais.

Vamos refletir: Como você definiria “cidade” para uma criança? Qual a primeira palavra que vem na sua mente ao pensar na sua cidade? Quais as principais características que definem uma cidade na perspectiva sociológica? Como essas características se apresentam na cidade onde você reside?.

O texto “O que é cidade?” já apresenta, em seu título, um questionamento. Assim, antes de distribuí-lo, o (a) professor (a) pode iniciar a aula com o referido questionamento, buscando registrar as impressões dos (as) alunos (as), anotando no quadro ou mesmo produzindo uma nuvem de palavras através de ferramentas tecnológicas. Essa estratégia ajuda os (as) estudantes a refletirem individualmente sobre a cidade e possibilita ao docente identificar as concepções iniciais dos (as) estudantes. Em seguida, os (as) alunos (as) podem ser divididos em equipes para leitura individual e coletiva do texto e o (a) professor (a) deverá passar em todos os grupos buscando identificar quais são as reflexões que estão sendo construídas e se os (as) estudantes estão compreendendo o texto.

Ao final do texto, observa-se que há o tópico “Vamos refletir” com questionamentos cujo objetivo é que o (a) estudante expresse suas percepções e reflita coletivamente sobre ela com os (as) demais colegas. Assim, o (a) docente pode sugerir que após a leitura, as equipes busquem debater e responder às questões do tópico “vamos refletir”, confrontando suas respostas e, em seguida, compartilhando-as com o restante da turma. A partir das respostas de todas as equipes, o (a) professor (a) pode intervir explicando os conceitos trabalhados e

aprofundando a discussão. Por fim, o (a) docente pode orientar que a equipe sintetize as discussões e o texto em um fanzine para avaliar se ocorreu aprendizagem.

A utilização do texto “O que é a cidade?” como recurso pedagógico pode acontecer em cenários diversos, a saber: nas aulas de Sociologia sobre o fenômeno urbano, em aulas de disciplinas eletivas de Sociologia que se discuta a cidade e a partir de uma perspectiva interdisciplinar ou multidisciplinar com as disciplinas de História e Geografia, por exemplo.

É importante destacar que a utilização do texto pode ser feita em ambientes para além da sala de aula. O estímulo à leitura pode se dar de forma coletiva, em uma aula de campo numa praça em que cada aluno pode ler um trecho do texto e a partir da leitura, o (a) docente pode conduzir e estimular a reflexão relacionando-a com o próprio espaço em que a aula está acontecendo.

Texto 2 - A cidade e a Sociologia: o olhar de Georg Simmel (1858-1918)

Como vimos anteriormente, a Sociologia é uma ciência que nasceu concomitantemente ao surgimento do capitalismo e das cidades. Assim, contribuindo com o desenvolvimento da Sociologia, temos o primeiro sociólogo a pensar sobre as relações sociais urbanas: o alemão Georg Simmel. Para Simmel, a sociedade é fruto das interações estabelecidas entre os indivíduos. Considerando que viveu na Europa do século XIX, o autor vivenciou o desenvolvimento das grandes cidades, percebendo seu crescimento territorial e identificando que no meio urbano se estabeleciam relações com interações cada vez mais complexas.

O autor faz reflexões importantes sobre o comportamento da humanidade frente ao contexto de transição da vida rural para a vida urbana. Assim, preocupava-se com os impactos que a urbanização tinha nos indivíduos, de que maneira essa urbanização mudaria suas posturas e comportamentos, ou seja, como a cidade poderia “moldar” a vida mental de seus habitantes.

Para ele, a vida na cidade com sua enorme quantidade de estímulos bombardeia as mentes dos indivíduos com inúmeras imagens, sensações e atividades. A vida urbana é pautada na pontualidade e na exatidão, na lógica do dinheiro e da racionalização, sendo mais intensa e conturbada. Assim, devido aos inúmeros estímulos, os indivíduos desenvolvem um distanciamento emocional entre si, tornando-se indiferentes, agindo mais com a “cabeça” do que com “coração”.

Tudo isso contribui para a produção do que o autor conceitua como “atitude blasé” (SIMMEL, 1903), ou seja, uma atitude de proteção que o indivíduo vai desenvolvendo para reagir a esses estímulos, uma indiferença frente à realidade social, fazendo com que suas relações sejam menos emocionais. Tal atitude se caracteriza como um estilo de vida próprio da metrópole em que o indivíduo se vê obrigado, de uma certa forma, a reagir de forma objetiva e distante dos demais indivíduos.

Vamos refletir: Quais as diferenças nas relações sociais e nos comportamentos dos indivíduos que vivem em áreas rurais e urbanas? Você acredita que a atitude blasé, atualmente, é uma característica apenas das grandes cidades? Você acredita que essa “lógica mais racional” (e a consequente atitude blasé) já está presente na sua cidade?

O texto “A cidade e a Sociologia: o olhar de Georg Simmel (1858-1918)” caracteriza-se como mais denso no que diz respeito a conceitos sociológicos. É importante que antes da utilização dele tenha sido realizada uma discussão prévia sobre o fenômeno urbano, preferencialmente com o texto “O que é a cidade?”. Além disso, o(a) docente deve contextualizá-lo de forma dialogada antes de iniciar seu estudo com a turma, a saber: apresentando o autor aos estudantes, ressaltando o contexto em que sua obra foi escrita, relacionando-a com discussões anteriores e fazendo-os compreender o “sociologuês” (CARNIEL e RUGGI, 2015).

Após essa contextualização, sugere-se que o(a) docente leia coletivamente o texto junto aos estudantes, buscando observar aquilo que não foi compreendido e dialogando com eles acerca do conceito de “atitude blasé” a partir das questões do tópico “vamos refletir”. Seguido da discussão, mais uma vez sugere-se que os(as) alunos(as) dividam-se em equipes para construção de um mapa mental sobre o texto utilizando além da escrita, recortes de jornais e/ou revistas, bem como de desenhos próprios dos(as) estudantes que representam o conceito estudado. O mapa mental com ilustrações pode ser feito em uma folha sem pauta e, posteriormente, o professor pode juntá-las em folhas de papel madeira que podem ser expostas na sala de aula.

O trabalho em equipe incentiva a troca, a criatividade e o confronto com o diferente. Na medida em que constroem discussões coletivamente, também se incentiva a ler e compreender o texto e a sociedade à sua volta, usando suas próprias experiências como exemplos.

Texto 3 - A cidade e a Sociologia: o olhar de José Guilherme Cantor Magnani (1944-)

José Guilherme Cantor Magnani é um antropólogo brasileiro e professor da Universidade de São Paulo (USP), grande estudioso do fenômeno urbano nas Ciências Sociais, sendo uma referência nacional. Seu objetivo era compreender as formas pelas quais os indivíduos transitam pela cidade, utilizam-se de seus serviços e equipamentos, combinam encontros e estabelecem relações ligadas a vários aspectos, como religião, trabalho, lazer, cultura e participação política. Para isso, o autor desenvolveu algumas categorias para refletir sobre o urbano: pedaço, mancha, trajeto e circuitos (MAGNANI, 2002).

O pedaço é um espaço entre o espaço privado e o espaço público (entre a nossa casa e a rua, por exemplo), onde se desenvolve uma sociabilidade mais densa do que aquela feita em casa. Trata-se de um “ponto de referência” usado para diferenciar determinado agrupamento de indivíduos como pertencentes a um determinado grupo. Podemos dizer que um pedaço é formado por dois elementos básicos: o primeiro é um espaço físico (território), que no geral é composto por equipamentos específicos; o segundo é o elemento social, ou seja, a rede de relações que são estabelecidas naquele lugar. Assim, um pedaço é o local entre a rua e a casa, onde sempre se veem as mesmas pessoas. Um exemplo de pedaço são as praças presentes nos bairros.

As manchas são, basicamente, lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Tem uma estrutura física maior, permitindo assim a circulação de indivíduos de vários lugares, sem precisar necessariamente da formação de laços mais duradouros. As manchas são formadas por equipamentos que marcam seus limites e tornam viáveis uma prática/atividade predominante, podendo ser ligadas à lazer (bares e restaurantes, cinemas e teatros etc), saúde (hospitais, laboratórios, farmácias etc), hotelaria/turismo (rua com uma variedade de hotéis, por exemplo), comercial/vendas, etc. Em cada uma dessas manchas, sabe-se que tipo de serviço e que tipo de pessoas vai encontrar, além de ser algo reconhecível e frequentável por um maior número de pessoas.

Toda a extensão e a diversidade presente nos espaços urbanos fazem com que os indivíduos tenham que se deslocar de um lugar para o outro. A esse deslocamento que é feito chamamos de trajetos. Os trajetos, por sua vez, possuem duas definições: podem estar ligados a um deslocamento mais extenso, como o que você faz da sua casa para a escola e da escola para a sua casa; como também podem se referir a deslocamentos realizados dentro das manchas. Por exemplo, em uma mancha mais ligada à saúde (que tenha hospitais, farmácias, laboratórios e clínicas) o trajeto que se faz entre um equipamento e outro. Dentro das manchas, os trajetos são curtos, significando escolhas realizadas no interior daquela determinada mancha.

Para descrever o exercício de uma prática ou a oferta de um serviço dentro dos espaços urbanos a partir de estabelecimentos, equipamentos e lugares que não tem uma relação de proximidade espacial, mas que são reconhecidos conjuntamente pelos indivíduos, Magnani desenvolveu a categoria circuito. Assim, o circuito trata-se do uso do espaço urbano que possibilite encontros de indivíduos em vários pontos da cidade, sendo esses espaços distantes espacialmente entre si.

Esta família de categorias (pedaço, mancha, trajeto e circuitos) desenvolvida pelo antropólogo Magnani nos ajuda a compreender como os indivíduos utilizam-se dos espaços urbanos, atribuindo determinados sentidos e significados a estes. Tais sentidos estão diretamente ligados a relações de sociabilidade expostas a partir da religião, do lazer, trabalho, cultura e política.

Com base no que foi exposto, identifique: a) seu pedaço; b) as manchas presentes na sua cidade e qual/quais você frequenta; c) qual o seu trajeto de casa para a escola e qual o seu trajeto no interior das manchas que você frequenta; d) que circuito(s) você e seus amigos costumam fazer na cidade? e) quais os circuitos presentes na sua cidade, sejam culturais, turísticos, religiosos ou de lazer?.

O texto “A cidade e a Sociologia: o olhar de José Guilherme Cantor Magnani (1944-)”, assim como o anterior, traz como marca uma densidade teórica. O tópico “vamos refletir” é substituído por um comando mais ativo “Identifique” e orienta que o(a) estudante observe cinco aspectos de sua cidade, bairro ou localidade utilizando os conceitos do texto. Assim, sugere-se que seja trabalhado após os dois textos anteriores, ou mesmo após as aulas sobre Sociologia Urbana.

Em contraposição aos textos anteriores, que naturalmente incentivaram discussões mais coletivas, o texto três pressupõe uma explicação prévia do(a) professor(a) seguida de uma leitura individual do(a) estudante. Por essas características, esse texto auxilia no incentivo à escrita. Desse modo, sugere-se que o(a) docente oriente aos estudantes que escrevam suas reflexões e respostas no caderno e só após esse momento de leitura e escrita individual, compartilhem suas respostas com o colega ao lado, buscando similaridades e diferenças.

A leitura do texto três possibilita ao estudante a reflexão e observação dos fenômenos urbanos presentes à sua volta, estranhando e desnaturalizando, por exemplo, o caminho que faz à escola, aos lugares que frequenta, bem como identificando outras características do seu local de moradia.

Texto 4 - Pensando as praças do ponto de vista sociológico

As praças são equipamentos que podemos denominar de espaços públicos, ou seja, locais de encontro no qual os indivíduos utilizam de forma diversa: do comércio ao lazer, criando e recriando vínculos (LOPES, 2013). Elas estão presentes nas cidades tendo sido criadas objetivando o lazer dos habitantes, tendo como principal especificidade o fato de serem coletivas, incentivando o convívio dos indivíduos entre si, possibilitando a expressão de sociabilidades diversas, como relacionamentos amorosos, manifestações políticas e encontros de grupos.

A partir de um mapeamento das praças da sua cidade, responda: a) O que é uma praça? b) quantas praças têm na sua cidade? c) quem são os usuários das praças da sua cidade? d) o que é um espaço público? e) qual a importância da(s) praça(s) na sociabilidade dos indivíduos?

O texto “Pensando as praças do ponto de vista sociológico” é curto e caracteriza-se mais como um indutor de ações práticas. Sugere-se que sua leitura seja realizada, prioritariamente, em uma praça. Caso haja impossibilidade de ocupação de uma praça, o(a) docente pode

utilizar o pátio da escola ou qualquer outro espaço que não seja a sala de aula. Além disso, esse texto pode ser utilizado em aulas sobre socialização, sociabilidade, juventude, lazer, direito à cidade, por exemplo, uma vez que as discussões sobre a cidade se integram a essas outras.

Após a leitura do texto, tem-se a ação de realizar o mapeamento das praças da cidade e apresentá-lo a partir de relato escrito. Para realizar o mapeamento, sugere-se duas atividades.

- Atividade 1: Você fará a observação e a descrição detalhada dos aspectos da praça. Sua descrição deverá ser em texto corrido, a partir das perguntas norteadoras a seguir:
1) Que elementos compõem a Praça? 2) Qual a história da Praça, ou seja, como ela surgiu? 3) Quem são as pessoas que transitam pela Praça e o que essas pessoas fazem?
- Atividade 2: Você deverá escolher um indivíduo que compõe o espaço da praça, convidá-lo a uma entrevista e registrar suas respostas a partir das perguntas abaixo: 1) Idade; 2) Ocupação; 3) Gênero; 4) Trabalha com o quê? 5) Há quanto tempo frequenta esse espaço? 6) Na sua opinião, qual a importância desta praça para a cidade e para as pessoas que aqui vivem?

Essas atividades são ações pedagógicas complementares à leitura e discussão do texto, induzindo uma ação prática perante a teoria debatida. O(a) docente pode optar por realizar as duas atividades concomitantemente com os estudantes divididos em grupos, ou focar somente em uma, a depender do contexto e perfil da turma. Embora tenham sido pensadas como atividades individuais, elas também podem ser realizadas em duplas ou trios.

O objetivo das atividades é contribuir com as reflexões propostas no final do texto e incentivar a discussão coletiva com os estudantes. Elas incentivam a escrita e a ação prática, já que colocam os(as) estudantes para observarem a cidade e/ou dialogarem com os indivíduos que fazem parte desses espaços.

O texto e as atividades relativas às praças podem também mobilizar discussões e aulas interdisciplinares, promovendo a integração da Sociologia com outras disciplinas como História e Geografia. A disciplina de História pode discutir a origem das praças e a de Geografia, por sua vez, relacioná-las com o conceito de território. A mobilização de outras ciências desenvolve ainda mais o repertório construído pelos jovens estudantes, fazendo com que tenham mais reflexões para confrontar com suas próprias vivências na cidade.

Texto 5 - Quem tem direito à cidade?

Em meados dos anos 1960, o sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991) cunhava o termo “direito à cidade” (LEFEBVRE, 2011), refletindo a partir do seu contexto urbano, a cidade de Paris, que passava pela construção de grandes edifícios. A noção de direito à cidade parte de uma crítica ao sistema capitalista. O conceito, então, trata-se de algo amplo, que está ligado a diversos direitos relacionados a uma vida digna nas cidades: moradia, saúde, lazer, cultura, segurança, trabalho, mobilidade urbana.

Assim, podemos dizer que falar de direito à cidade é falar da falta de moradia, das limitações no ir e vir, da especulação imobiliária, ou seja, de fenômenos que intensificam a segregação espacial. Esta, por sua vez, tem como principais efeitos a pobreza, a violência e a falta de acesso a serviços básicos. A cidade não é um espaço neutro e deslocado das problemáticas que atingem a sociedade. Ela é formada por relações sociais de poder, que podem ser conflituosas e produzir desigualdades, pois a cidade não está imune a essas questões.

Dessa forma, é possível vermos que mulheres, negros(as), pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, LGBTQIAPN+, não vivenciam a cidade da mesma forma. Suas vivências estão diretamente ligadas a uma série de violências físicas e verbais que formam sua experiência nos espaços urbanos.

Vamos refletir: todas as pessoas têm direito à cidade? todas as pessoas têm as mesmas experiências nos espaços urbanos? Todas as pessoas têm direito de ir e vir na cidade?

Assim como o primeiro texto, já citado nesta seção, o texto “Quem tem direito à cidade?” inicia-se com um questionamento que pode impulsionar reflexões em sala e a captura das percepções dos(as) estudantes antes mesmo da leitura minuciosa. A leitura pode dar-se de forma individual ou coletiva e o(a) docente pode utilizar outros recursos junto ao texto, como por exemplo, matérias jornalísticas. O texto cinco evidencia um aspecto importante desses recursos didáticos: a possibilidade de serem articulados juntos a outros recursos.

Portanto, o(a) docente pode iniciar a aula com o questionamento do texto e, após colher as respostas dos(as) estudantes, expor as matérias jornalísticas e perguntar-lhes qual a relação entre direito à cidade e as situações apresentadas. Tal ação é capaz de gerar desconforto e estranhamento e, assim, os(as) estudantes poderão realizar a leitura e, com o auxílio do(a) docente, desnaturalizar as relações sociais que ocorrem nos espaços urbanos. O texto mobiliza a discussão de direito à cidade junto a outras temáticas como identidade de gênero, sexualidade, violência urbana, raça, classe e acessibilidade. Tais discussões atravessam cotidianamente a vida das juventudes.

Assim, após a leitura, o(a) professor(a) pode orientar que os(as) estudantes escrevam sobre suas experiências na cidade, relacionando-as com os conceitos e discussões apreendidos. Na aula seguinte, os(as) estudantes podem produzir fanzines sobre direito à cidade, pensando suas experiências e textos produzidos na aula anterior. Essas atividades possibilitam um aprendizado transgressor, que estimula o jovem a pensar suas vivências na cidade de forma empoderada, contextualizada e problematizada.

Texto 6 - O lazer na cidade

O lazer é uma atividade que as pessoas realizam de forma voluntária e que não tem um propósito prático ou produtivo. Na Sociologia, o lazer é visto como um fenômeno influenciado por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Ele pode ser visto como uma forma de expressão individual e coletiva, além de um meio para as pessoas se relacionarem com outras, realizarem descobertas e se divertirem. Algumas atividades comuns de lazer incluem esportes, viagens, atividades ao ar livre, hobbies, atividades culturais e de entretenimento.

O lazer é uma atividade indispensável para garantir a qualidade de vida da população. As formas de desfrutá-lo e o conteúdo das atividades se constituem, assim, como vias para a compreensão de aspectos da vida cotidiana e dos valores sociais contemporâneos. A Sociologia mostra que o lazer não resulta de uma vontade individual, mas é um fenômeno marcado pela complexidade de fatores econômicos, políticos e socioculturais.

O conceito de lazer refere-se a um conjunto de atividades físicas, artísticas, culturais ou sociais, realizadas pela pessoa humana em um tempo liberado das obrigações profissionais, familiares, espirituais e políticas, cuja finalidade é a autossatisfação, o bem-estar e o prazer pessoal. Esse conceito foi desenvolvido pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, que apresenta o conceito como

[...] um tempo que a redução da duração do trabalho e a das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sóciopolíticas tornam disponível; o indivíduo se libera a seu gosto da fadiga descansando, do tédio divertindo-se, da especialização funcional desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo ou de seu espírito” (DUMAZEDIER, 2008, p. 92).

Nessa perspectiva, o lazer ocorre principalmente em quatro períodos: do fim do dia, o do fim de semana, o do fim de ano (férias) e o do fim da vida (aposentadoria), que são preenchidos com atividades que se voltam para os chamados três “D’s”: descanso, diversão e desenvolvimento da personalidade. Todavia, com as diferentes modalidades de trabalho na contemporaneidade, o lazer não se limita aos quatro períodos mencionados, podendo ser encontrados sentidos e formas conjugados ao trabalho (DE MASI, 2000).

A prática do lazer se deu mediante condições objetivas, relacionadas a mudanças políticas, econômicas e socioculturais que possibilitaram a existência de um tempo liberado de trabalho e, ao mesmo tempo, condições subjetivas que passaram a valorizar o lazer,

encontrando nele a oportunidade para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal.

Vamos refletir: Quais são os seus espaços de lazer na sua cidade? O que significa lazer para você? Quais são as condições necessárias para aproveitar os espaços de lazer da sua cidade?

O texto “O lazer na cidade” foi extraído do verbete publicado por um dos autores do presente artigo na Coleção Conceitos e Categorias do Ensino das Ciências Sociais (Bodart, 2021). Recomenda-se sua utilização após as discussões realizadas no texto “Pensando as praças do ponto de vista sociológico”, pois as praças são espaços de várias atividades, dentre elas, aquelas ligadas ao lazer e à sociabilidade. Portanto, os dois textos se complementam.

Assim, o docente pode resgatar as discussões e produções desenvolvidas na atividade anterior e, a partir dela, dar início às discussões sobre lazer. Pedir aos alunos para fazerem a leitura individual e exporem suas percepções sobre o que é lazer, anotando as respostas no quadro. Utilizar como roteiro as perguntas do tópico “vamos refletir”. Em seguida, pode questionar aos estudantes quais espaços de lazer eles identificam na cidade em que habitam ou em seus bairros.

Após a leitura individual e reflexão coletiva, os estudantes podem ser divididos em equipes para produzir uma lista de espaços que consideram ligados ao lazer e que outros espaços poderiam ser construídos na sua cidade. Caso opte por não dividir os estudantes em equipes, pode orientá-los a confeccionarem um mapa mental com a síntese do texto, das reflexões em sala, suas concepções sobre lazer e suas vivências em espaços de lazer.

O professor pode, também, levar a discussão para a dimensão tecnológica, pensando junto com os estudantes sobre como o lazer foi modificado com a inserção das tecnologias, sobretudo das redes sociais. Assim, eles podem produzir charges sobre lazer, cidade e tecnologias.

Discutir a categoria “lazer” do ponto de vista sociológico permite uma problematização desse fenômeno sobretudo em meio às condições sociais impostas pelo capitalismo contemporâneo. O texto possibilita a discussão sobre o lazer ligado à dimensão tecnológica, outro fenômeno recorrente na sociedade contemporânea.

Os seis textos didáticos supracitados foram utilizados em sala de aula no ano letivo de 2023, junto à turma do componente curricular eletiva “Rolê Sociológico” ofertado no segundo semestre do ano em uma escola pública de Canindé, Ceará. Compunham a turma estudantes das três séries do ensino médio.

A sequência da utilização dos textos didáticos se deu da seguinte forma: inicialmente, os(as) estudantes ficavam livres para se dividirem em grupos, conforme a quantidade de pessoas na turma (que variava de 20 a 30 pessoas). Em seguida, cópias dos textos eram distribuídos aos estudantes e era orientado que fizessem a leitura individualmente e, posteriormente, junto ao grupo. Após as leituras (individuais e coletivas), os(as) estudantes eram incentivados a anotar suas reflexões e respostas dos questionamentos dos textos em seus diários de aula, compartilhando com os colegas e construindo as respostas coletivamente. A professora conversava com cada equipe para verificar como estavam as discussões, tirar dúvidas e auxiliar os(as) estudantes. A escrita no diário de aula era livre, muitos(as) estudantes faziam mapas mentais e/ou anotações das discussões que tinham com seus colegas.

A utilização dos textos didáticos aproximou os(as) estudantes da leitura, auxiliando na conexão entre os saberes científicos e as experiências estudantis, tornando o aprendizado palpável e significativo. Por serem construídos com reflexões e problematizações sobre a cidade, os textos didáticos possibilitam o estranhamento e a desnaturalização, além da reflexão e diálogos junto aos demais colegas e a professora.

Observou-se que a utilização dos textos didáticos instiga os(as) estudantes à leitura e, conseqüentemente, à escrita, uma vez que havia o incentivo dos(as) outros(as) colegas e da professora. Além disso, as participações dos(as) estudantes nas aulas tornaram-se mais frequentes e com repertórios ligados às discussões dos textos. Estudantes de 3ª série, por exemplo, passaram a utilizar autores como Simmel e Lefebvre em seus escritos de redação para o ENEM.

Esse processo levou os(as) estudantes a relacionar teoria com vivência, sentindo-se parte da constituição do saber sociológico, tal como propõem Carniel e Ruggi (2015) a partir de suas experiências. A reflexão dos autores propõe uma aula que viabilize “compreender a sociologia em ação”, ou seja:

apresentar e debater em sala de aula o funcionamento desta área do saber para extrair dela os sentidos e significados implícitos ao fazer sociológico. Claro que essa não é a única forma de introduzir a sociologia, certamente não é a mais difundida, mas tem sido o modo mais eficaz que estes educadores encontraram para reequilibrar as relações simbólicas de poder entre os saberes acadêmicos e aqueles insistentemente classificados como senso comum –

saberes que todos os dias o próprio espaço escolar nos oferece. Apenas desse modo, cremos, será possível que nossos estudantes se sintam parte da constituição do saber sociológico, que o imaginem sociologicamente, reconhecendo a existência de diversos olhares sobre as questões sociais e, sobretudo, percebendo que a interpretação do nosso mundo não é uma tarefa exclusiva de alguns poucos “ilustrados”, mas uma atividade permanente de todos nós (CARNIEL, RUGGI, 2015, p. 240).

Para tanto, é necessário que o(a) docente identifique os conhecimentos prévios trazidos pelos(as) estudantes sobre os fenômenos sociais a serem estudados. Esse pressuposto converge com a máxima freireana: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989).

Reconhecer a “leitura de mundo” trazida pelos(as) estudantes à escola e respeitá-la significa “[...] tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.” (FREIRE, 2016, p.120). Tal trabalho, conforme Freire (2016), se desenvolve junto ao estudante, de maneira a construir uma compreensão crítica do mundo e, no caso do ensino de Sociologia, dos fenômenos sociais.

O uso de textos didáticos auxiliou na apropriação da leitura (verbal e não verbal), desenvolvendo o que se chama de “letramento”. Conforme Bueno (2019), esse processo não se limita à dimensão individual, mas também influencia práticas sociais, sendo o letramento um fenômeno social. Dito isso, o processo de ensino e aprendizagem sociológica a partir da utilização dos textos como recursos didáticos promove a ruptura com o senso comum e, ao mesmo tempo, favorece o desenvolvimento do que podemos chamar de “letramento sociológico”.

Entendemos aqui letramento sociológico como a prática de se apropriar da leitura sociológica para compreender os fenômenos sociais em sua amplitude, para além das concepções difundidas pelo senso comum. Esse processo não se restringe à leitura, mas se desenvolve também junto à reflexão e escrita. Não se trata, porém, de utilizar a leitura e a escrita objetivando que os (as) estudantes do ensino médio se tornem sociólogos(as). Refere-se à ampliação da observação da realidade social em que se está inserido utilizando o repertório científico de conceitos e categorias das Ciências Sociais. Desse modo, o letramento sociológico é imprescindível para o desenvolvimento do modo sociológico de pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rolê sociológico é uma intervenção pedagógica que convida os jovens estudantes a pensarem sobre a cidade, o lugar que eles ocupam e como este lugar se modifica a partir da influência de aspectos religiosos e culturais. Pensar a sociedade, seus conflitos, constituições e mudanças a partir da cidade, dos moradores e das relações que são construídas entre estes atores no espaço urbano. A cidade não é um espaço pautado na neutralidade. Ao contrário, nela os indivíduos marcam e demarcam espaços de sociabilidade, conflitos, trabalho, manifestações políticas e culturais. Nesse sentido, à medida em que se observa e problematiza as relações sociais construídas nos espaços urbanos, é possível aprender sobre gênero, diversidade, racismo, violência, trabalho, cultura e religiosidade.

Refletir sobre a cidade, seus conflitos, interações, relações sociais, políticas e culturais através dos textos didáticos pode possibilitar um processo de ensino e aprendizagem sociológica que potencialize a problematização, o estranhamento e a desnaturalização dos fenômenos urbanos. Os textos didáticos são um recurso valioso ao professor de sociologia, pois possibilita uma interpretação mais ampla do mundo social e das relações nele empreendidas. Assim, são catalisadores de um letramento sociológico que contribuem para o desenvolvimento do modo sociológico de pensar.

A utilização dos textos didáticos nas aulas do Rolê Sociológico possibilitou o incentivo à leitura e, conseqüentemente, à escrita, o diálogo com os outros e a troca de experiências sobre as vivências na cidade. A leitura, a escrita e o diálogo permitiram que os estudantes conseguissem conectar suas vivências e conhecimentos prévios, suas “leituras de mundo” às teorias sociológicas estudadas. Observou-se que as participações nas aulas aumentaram e os estudantes relacionavam suas falas aos textos lidos, inserindo-as, inclusive, em seus repertórios de redações para o ENEM.

A relevância desta experiência está justamente no seu caráter transgressor, uma vez que parte do pressuposto de que o aprendizado sociológico pode acontecer para além dos muros da sala de aula e da escola. Desse modo, perceber a cidade como um espaço fértil para o processo de ensino e aprendizagem da Sociologia oportuniza uma maior aproximação entre os conteúdos sociológicos e as vivências cotidianas dos jovens estudantes. Observar e vivenciar o urbano do ponto de vista sociológico viabiliza uma nova visão deste, pois “[...] a cidade se transforma em espaço para exercitar criticamente a percepção sobre cidadania e a participação enquanto ser social” (Araújo, 2014, p. 4).

Acima de tudo, pode proporcionar um maior entendimento da sociedade em que se está inserido, o que leva a questionar as relações sociais do seu cotidiano. Tais aprendizagens são reforçadas e potencializadas com a leitura e a escrita, uma vez que possibilitam ao jovem do ensino médio desenvolver mais autonomia e empoderamento em relação ao conhecimento que está sendo construído.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. da S. Olhando a cidade, discutindo a sociedade: experiência, pesquisa e a cidade como ambiente pedagógico. **Perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 03-20, 2014. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/PS/article/view/1407>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BARREIRA, I. A. F. O ofício de ensinar para iniciantes: contribuições ao modo sociológico de pensar. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 63-85, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2419>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BODART, C. Manifestações culturais e patrimônio cultural. [S. l.], 30 mar. 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/manifestacoes-culturais-e-patrimonio/>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Vol. 3. 2006.
- BUENO, I. C. Letramentos sociais: possibilidades de leitura, escolarização do letramento e construção de identidade. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 60–71, 2020. DOI: 10.36524/saladeaula.v8i2.601. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/saladeaula/article/view/601>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- CARNIEL, F.; RUGGI, L. . De sociólogo e de louco todo mundo tem um pouco: ou porque a sociologia é a disciplina mais legal da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 235–247, 2015. DOI: 10.5965/1984723816302015235. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015235>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p. 177-229, 1990.
- CHEVALLARD, Yves. **La Transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. 2 ed. Buenos Aires: Aique, 2005.
- DE MASI, D. **O ócio criativo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, F.M.G.A. **Rolê sociológico: aprendendo sociologia com a cidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

FREITAS, F.M.G.A.; LOPES, F.W.R. Quando a cidade se torna sala de aula: o ensino de Sociologia para além dos muros da escola: . **Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 40–59, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/50782>. Acesso em: 15 dez. 2024.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

LOPES, F. W. R. O que é Lazer?. In: BODART, C. das N. (Org.). **Conceitos e categorias do ensino de Sociologia**, v. 2. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021. v. 2, cap. 24, p. 47-52.

LOPES, F. W. R. **A "Requalificação" do patrimônio: intervenções, estratégias e práticas na Praça dos Mártires (Passeio Público) de Fortaleza**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6421>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Br. Ci. Soc.**, [s. l.], v. 19, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

SILVA, Ileizi. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

SILVA, Ileizi F. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica. In: SILVA, Ileizi F. et al (Org.) **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa**. Londrina: UEL; SET-PR, 2009.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024.

TURISMO religioso impulsiona setor de comércio e serviços no sertão de Canindé. Move Ceará, Fortaleza, [2022?]. Disponível em: <https://encurtador.com.br/0EQfj>. Acesso em: 15 dez. 2024.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In.: VELHO, Otávio G. (org.) - **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.